

“Vai pensandinho aí”: por que usar o gerúndio no diminutivo?

“Vai pensandinho aí”:
characteristics of the diminutive gerund in Brazilian Portuguese

Roberlei Alves Bertucci*

Resumo

Este trabalho analisa a construção *gerúndio+diminutivo*, em casos como *Está chovendinho*, comuns na região de Curitiba. A intenção é verificar suas características semântico-pragmáticas, propondo uma aproximação com a implicatura convencional. Para isso, analisamos algumas propriedades do gerúndio e do diminutivo, levantando a hipótese de que essa combinação oferece pistas para o entendimento do caso em questão. Nossos dados revelam uma restrição semântica dos casos de *gerúndio+diminutivo* em contextos sem atividades; uma ocorrência dessa construção em diferentes perífrases; e uma impossibilidade de associá-la à implicatura convencional, ao contrário do que imaginávamos. Concluímos, assim, que, apesar do avanço na caracterização do fato, ainda é necessária uma maior investigação sobre a contribuição semântico-pragmática dela em português.

Palavras-chave: gerúndio, diminutivo, aspecto verbal, implicatura

Abstract

This study analyses the structure of the *gerund + diminutive*, as found in expressions like *Está chovendinho* ('It is raining lightly'), which are common in Curitiba, Brazil. The goal is to analyze its semantic-pragmatic characteristics, proposing a comparison with conventional implicature. We analyze certain properties of the gerund and the diminutive, understanding that this combination provides clues for comprehending the case in question. Our data reveal a semantic restriction of *gerund+diminutive* constructions in contexts without activities; the occurrence of this construction in different periphrases; and an impossibility of associating it with conventional implicature. We conclude that, despite progress in characterizing the phenomenon, further investigation is needed into its semantic-pragmatic contribution in Portuguese.

Keywords: gerund, diminutive, verbal aspect, implicature

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR. E-mail: bertucci@utfpr.edu.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4014-5610>.

1 Introdução

Em português brasileiro, formas como o gerúndio e o diminutivo são encontradas em diferentes ambientes, verbais e nominais, respectivamente. Seu papel, descrito por diferentes autores na literatura (Braga; Coriolano, 2009; Oliveira; Basso, 2014; Gonçalves, 2019; Luguinho; Bertucci, 2013, entre muitos outros), varia amplamente, conforme as interações e situações de ocorrência. Neste trabalho, focamos a construção gerúndio + diminutivo (*doravante ger+dim*), a qual congrega as duas formas simultaneamente, como em (1), algo comum em cidades como Curitiba e Guarapuava (Metz, 2018) e em algumas regiões da América do Sul (Ruiz, 2020).

- (1) a. Olha ali: o casal tá *namorandinho*.
 b. Xiii... vamo falá baixo que o bebê tá *dormindinho*.
 c. Semana passada ficou *chovendinho* o tempo todo.

Apesar de termos poucas informações com relação à produtividade desse fenômeno em outros lugares do Brasil, parece-nos natural levantar intuições para as sentenças acima: elas sugerem algo realizado de forma delicada e lenta, sem uma relação direta com tamanho ou quantidade daquilo que se enuncia. A partir dessa ideia geral, poderíamos levantar a hipótese de que todos os casos de gerúndio poderiam ser modificados pelo sufixo de diminutivo. No entanto, os casos em (2) mostram que essa generalização não parece possível, ao menos para os falantes de Curitiba.

- (2) a. ??Olha ali: o casal tá *discutindinho* a relação.
 b. ??O juiz tá *analisandinho* o caso.
 c. ??Semana passada os caras da prefeitura ficaram *bloqueandinho* a rua.

Num trabalho seminal para o português brasileiro, Metz (2018) entende que essa construção seja típica da região de Guarapuava (PR), ainda que mencione possíveis ocorrências de outros lugares. Para a autora, essa forma ocorre “em qualquer forma do gerúndio” (Metz, 2018, p. 135) e seu papel é diminuir a intensidade ou ritmo do evento. Entretanto, como se vê nos dados em (2), na região de Curitiba, não há tanta liberdade para o uso da referida construção, o que contraria aquilo que a autora sugere em sua pesquisa. Além disso, embora o caso em (1c) corrobore a ideia da autora de que a forma *ger+dim* seja relativa a intensidade e ritmo menores, os demais casos presentes em (1) não têm necessariamente essa leitura.

Já em espanhol, Ruiz (2020) foca um valor emocional da construção. Em sua busca em *corpora*, a autora encontra uma alta frequência da ocorrência de *ger+dim* com predicados de atividades, considerando-se as classes propostas por Vendler (1957). Além disso, ela observa que a forma é restrita aos casos em que a perífrase formada pelo gerúndio tem valor imperfectivo (progressivo, por exemplo).

Tendo em conta esse contexto, questionamos: quais são as características aspectuais da forma *ger+dim* em português? Nesse sentido, o presente trabalho toma essa pergunta como motivadora para se chegar ao objetivo de oferecer uma caracterização geral da forma *ger+dim* em português brasileiro. Para isso, (i) apresentamos alguns pontos sobre possíveis interações entre a forma verbal de gerúndio e a forma nominal de diminutivo; (ii) analisamos a ocorrência dessa forma com diferentes classes aspectuais; e (iii) propomos uma relação com a implicatura convencional (Oliveira; Basso, 2014).

Destacamos que os dados sobre *ger+dim* em análise receberam checagem informal de falantes nascidos em Curitiba, com faixa etária e formação escolar diferentes. A seguir, apresentamos alguns pontos teóricos, os quais, acreditamos, jogarão luz sobre a questão, e analisamos dados para testar as hipóteses levantadas. Com isso, espera-se que este artigo contribua com: (i) melhor entendimento sobre a interação entre formas verbais e nominais nas línguas naturais; (ii) ampliação da discussão sobre o papel das classes aspectuais nas construções verbais; (iii) melhor entendimento de fenômenos específicos do português brasileiro.

2 Gerúndio e diminutivo

Nesta seção, vamos analisar as características do gerúndio, em especial a relação com as classes aspectuais, e do diminutivo, com foco na possibilidade de este estar relacionado a uma noção de implicatura.

2.1 Gerúndio e classes aspectuais

O sufixo verbal *-ndo* forma o que se chama de *gerúndio* em português, conhecido por ser uma das três formas nominais dos verbos, ao lado do infinitivo e do particípio. Na literatura, o gerúndio é tomado como uma forma que denota continuidade ou duração, atribuindo uma leitura de extensão temporal ao predicado a que se liga (Wachowicz, 2003). Nesse sentido, pode-se dizer que o gerúndio (*-ndo*) toma um predicado verbal (*v-*) como *input* e atribui uma leitura durativa à forma em *output* (*v-ndo*). Tal fato sugere que ele atribui uma propriedade de extensão temporal a um predicado, o que explica a formação de perifrases com gerúndio em línguas como o português brasileiro (Lunguinho; Bertucci, 2013). Sendo uma forma de continuidade, o gerúndio contribui para a noção de duração que a perífrase expressa em sentenças como (3).

- (3) a. O menino está cantando.
b. A menina vem chegando.
c. As plantas continuam morrendo.
d. O Pedro anda praticando yoga.

Nesse sentido, são observados dois pontos importantes para os casos com gerúndio: o apagamento das fronteiras e a relação com as classes aspectuais.

Para o primeiro ponto, podemos dizer que, no gerúndio, não se observam os limites de início e de final de uma eventualidade (Comrie, 1976; Smith, 1997): ao atribuir uma leitura “durativa”, o gerúndio permite que os pontos de início e fim de uma eventualidade sejam ignorados. Em Lunguinho e Bertucci (2013), propõe-se que a função do gerúndio é checar traços de aspectualidade presentes na construção com *estar*. Mais especificamente, indica-se que esse verbo auxiliar seja o responsável pela leitura de um evento em desenvolvimento/progresso e o gerúndio componha a noção de apagamento das fronteiras inicial e final do evento. Em termos aspectuais, o intervalo de tempo que comprehende a eventualidade indicada pela forma nominal está incluído em um intervalo de tempo relativo ao momento de tópico (Klein, 1994). Essa inclusão é checada na sintaxe justamente na ocorrência do gerúndio (Lunguinho; Bertucci, 2013).

Com relação ao segundo ponto, as classes aspectuais, devemos dizer que elas já foram amplamente discutidas em diferentes línguas (Vendler, 1957; Smith 1997; Rothstein, 2004; Wachowicz; Foltran, 2006). Por isso, nossa intenção não é reapresentar toda a teoria, mas apontar para os elementos que podem influenciar a análise do gerúndio no diminutivo.

De início, é preciso indicar que, desde Vendler (1957), o progressivo (*estar+gerúndio*, em português) é entendido como um teste para separar situações com estágios daquelas que não os possuem (Rothstein, 2004). Podemos entender estágios como subeventos que compõem uma determinada eventualidade ao longo do tempo: em *valsar*, há passos que formam o ato de valsar; em *cantar*, há a emissão das notas que formam o ato de cantar; em *revisar o artigo*, há uma série de movimentos dos olhos e outros de correção que constituem o ato da revisão ao longo do artigo. Por outro lado, eventualidades como *ser brasileiro* não podem ser divididas em subventos, porque ela é homogênea com relação ao tempo (Landman; Rothstein, 2012). Já outras, como *chegar*, apenas parecem ter subeventos: os movimentos feitos até a chegada. Mas a verdade é que só se pode tratar de chegada depois que ela de fato acontece. É, portanto, um evento pontual de mudança de estado (*achievements*). Com isso, o período anterior à sua culminação poderia ser chamado de *estágio preparatório*. Vejamos os exemplos:

- (4) a. O casal está valsando. (atividade)
- b. O João está revisando o artigo. (*accomplishment*)
- c. #O João está sendo brasileiro. (estado)
- d. #O menino está chegando. (*achievement*)

Assim, entende-se que o progressivo, ao denotar a continuidade de uma eventualidade, só possa se vincular diretamente a eventualidades com estágios, tais como as atividades (*valsar*, *cantar* etc.) e os *accomplishments* (*revisar o artigo*, *ler um livro* etc.). Por outro lado, não é compatível com estativos, como *ser brasileiro*, nem pontuais, como *chegar* — neste último caso, a leitura permitida é de que a chegada está prestes a acontecer, mas não que esteja “no meio”.¹

Assim, entendemos que o fato de o gerúndio indicar uma extensão temporal do evento denotado pelo predicado torna-se uma explicação para o progressivo não ser compatível com as classes aspectuais que não possuem estágios. De um lado, podemos dizer que essa mesma incompatibilidade pode ser aplicada às diferentes perifrases formadas com gerúndio (Bertucci, 2011; 2015; 2017; 2020; Bertucci; Rothstein, 2019). Por outro lado, cada uma delas expressa uma noção que é linguisticamente diferente. Vejamos alguns exemplos.

- (5) a. *Vai pensando* no que eu te disse. (incrementalidade)
- b. O João *anda pensando* no que eu disse. (duração)
- c. O João *continua pensando* no que eu disse. (continuidade)
- d. O João *ficou pensando* no que eu disse. (estado temporário)

¹As ocorrências do progressivo com classes como *achievements* (Rothstein, 2004) e com estativos, sobre tudo em português brasileiro (Bertucci; Rothstein, 2019), apresentam leituras um tanto quanto diferentes, justamente por não denotarem uma eventualidade que está em progresso, mas, respectivamente, em seu estágio preparatório (*está chegando*), ou em vistas a se tornar algo permanente (*está amando o livro*). Nesses casos, é preciso que haja algum licenciamento gramatical que permita uma leitura progressiva.

As sentenças acima representam a variabilidade de significados que podem estar associados à forma com gerúndio, em português brasileiro. Nossa intenção não é desdobrar cada uma delas, mas focar a interação delas com o diminutivo. O que se vê, então, é que o falante curitibano aceita a presença do diminutivo em todas as construções de gerúndio em (5).

Nesse ponto, podemos lançar algumas hipóteses a serem testadas:

1. *ger+dim* apresenta restrições de ocorrência ou leitura conforme as classes aspectuais do predicado denotado pelo verbo no gerúndio; e
2. outras perífrases que ocorram com gerúndio devem ser compatíveis com o diminutivo, mantendo a base da leitura disparada pela perífrase.

A seguir, tratamos das características gerais do diminutivo e da sua relação com implicaturas. Ao final da próxima seção, apresentamos algumas as hipóteses relativas à interação entre gerúndio e diminutivo.

2.2 Diminutivo e pragmática

Apesar de denominado “sufixo de grau”, em português brasileiro, o sufixo *-inho*, pode ser usado com diferentes sentidos, sendo muito comumente associado a atitudes subjetivas do falante (Gonçalves, 2019; Oliveira; Basso, 2014). Além da própria relação de grau diminutivo (*bolinha*), ele pode indicar ênfase (*euzinho*), apreço (*amorzinho*) ou desprezo (*mulherzinha*), entre outros casos, além de compor palavras chamadas de “falsos diminutivos”, como *camisinha* (Rodrigues; Vale, 2023). Ele aparece em diferentes classes de palavras, como advérbios (*cedinho*), pronomes (*meuzinho*) e verbos (*correndinho*), sendo um dos mais frequentes sufixos de grau do português.² Para este trabalho, tomamos sobretudo a ideia principal de que o diminutivo é um elemento importante para a expressão do envolvimento emocional do falante em uma determinada situação, apontando afetividade ou ironia, por exemplo (Gonçalves, 2019; Oliveira; Basso, 2014).

Citando Basílio (1990), Gonçalves (2019) afirma que os valores afetivos do diminutivo explicariam, também, a sua variabilidade de ocorrência nas classes de palavras, dada a generalidade possível nesse caso. Isso contraria parte da proposta defendida por Mattoso Câmara Jr. (1970), para quem haveria limitações quanto à ocorrência do diminutivo em português. Nesse sentido, podemos entender como previsível a ocorrência do diminutivo com formas verbais, como o caso do gerúndio, ainda que não pareça ser produtiva em todos os lugares do Brasil. Entendemos que uma explicação para essa forma seja a avaliação do falante frente àquilo que enuncia, já que, de acordo com Gonçalves (2019), a intensificação ou gradação que os sufixos carregam permitem aos falantes exercerem avaliações sobre uma determinada entidade ou situação.

²As questões relativas à alternância entre *-inho* e *-zinho* e à formação de diminutivos podem ser encontradas em textos como os de Bisol (2010) e Armelin (2011), entre outros. Costa e Minussi (2019), por sua vez, diferenciam essas formas quanto a uma leitura pejorativa em português.

É essa a perspectiva que Oliveira e Basso (2014) apresentam em seu texto. Numa discussão sobre a possibilidade de o diminutivo ser um item disparador de implicatura convencional em português brasileiro, os autores apresentam fortes indícios de que, em alguns casos, o diminutivo pode ser diretamente associado a esse fenômeno linguístico. A ideia principal é que sentenças como (6), apresentadas por Oliveira e Basso (2014, p. 180), carregam duas proposições: uma principal (a informação em si) e outra secundária (a avaliação do falante sobre o que enuncia).

- (6) a. Aquele reporterzinho da TV errou de novo.
- b. Meu cachorrinho já tem 8 anos e pesa quase 40 quilos.
- c. Termina essa lição rapidinho ou vamos perder o ônibus.

Para os autores, a sentença (6a) apresenta uma informação sobre um novo erro do repórter e, ao mesmo tempo, uma posição negativa do falante em relação ao jornalista. Em (6b), a informação é sobre a descrição do cachorro do falante, o qual apresenta uma avaliação positiva sobre o animal. Finalmente, em (6c), a frase apresenta uma disjunção entre terminar a lição com rapidez e uma possível perda de ônibus, com uma avaliação de urgência (uma intensificação) do falante em relação ao evento.³

Do ponto de vista da leitura proposta por Oliveira e Basso (2014), o diminutivo carrega essa carga de subjetividade a tal ponto de, nos casos acima, a avaliação expressa pela frase ser atribuída ao falante (e não ao sujeito da sentença). Um argumento para isso é o teste do *discurso indireto*, essencial para as análises dos casos de implicatura convencional (Bach, 1999; Potts, 2005). Compare os casos em (7), a seguir, com aqueles em (6), já apresentados.

- (7) a. A Maria disse que aquele reporterzinho da TV errou de novo.
- b. A Maria disse que o cachorrinho dela já tem 8 anos e pesa quase 40 quilos.
- c. A Maria disse para você terminar essa lição rapidinho ou vamos perder o ônibus.

Quando inserimos um sujeito para “dizer” e construímos o discurso indireto nos casos em (7), poderíamos prever que as avaliações presentes no diminutivo, em (6), pudessem ser atribuídas a *Maria*, sujeito da oração principal. No entanto, o que se vê em todos os casos em (7) é que a valoração se volta preferencialmente para o falante da sentença.

Considerando as características do diminutivo apresentadas aqui, além das hipóteses já levantadas em relação ao gerúndio, podemos reformular nossas hipóteses:

1. o diminutivo não interfere na contribuição semântico-pragmática da perífrase, atuando apenas na leitura do evento denotado pelo gerúndio;
2. nos casos de predicados compostos por atividade, *ger+dim* incidirá sobre a maneira como essa atividade é realizada, como atenuação da intensidade; e
3. em todos os casos em que ocorre, *ger+dim* está relacionado com a avaliação do falante (implicatura convencional) sobre a situação, conforme proposta de Oliveira e Basso (2014) para alguns casos de diminutivo.

³Oliveira e Basso analisam com detalhes as questões relativas a implicaturas apresentam uma série de argumentos para a defesa do diminutivo como uma implicatura convencional, na perspectiva da Potts (2005). Não é intenção deste artigo detalhar esse aspecto e, por isso, recomendamos ao leitor interessado o texto desses autores.

Ao contrário do que propõe Metz (2018), entendemos que a construção *ger+dim* não cria uma subdivisão aspectual em relação ao progressivo e, por isso, não deve ser categorizada como um outro tipo aspectual. Entendemos, sim, que essa construção possui um ingrediente expressivo (pragmático) relevante e que, por isso, merece um aprofundamento linguístico.

3 Análise de dados

Agora, podemos testar as hipóteses que levantamos anteriormente, começando pela primeira: o diminutivo não interfere na contribuição semântico-pragmática da perífrase, atuando apenas na leitura do evento denotado pelo gerúndio. Para testá-la, em (8) vamos verificar também a ocorrência de *ger+dim* com diferentes perífrases.

- (8) a. O João está analisandinho os textos. (aspecto progressivo)
- b. O João anda namorandinho com
 uma menina do trabalho. (duração)
- c. O João ficou estudandinho a tarde toda. (estado temporário)
- d. O João continua dormindinho. (continuidade)
- e. Vai pensandinho no que o João te disse. (incrementalidade)

Nos casos acima, percebe-se que há a possibilidade de *ger+dim* ocorrer com diferentes perífrases do português brasileiro, relacionadas com o gerúndio. Elas podem indicar aspecto progressivo, duração, estado temporário, continuidade e incrementalidade, como mostrado acima. A presença do diminutivo não alterou o significado original da perífrase, mas sugeriu algum tipo de leitura específica do evento denotado pelo gerúndio, exatamente como esperado. Entendemos que isso ocorre porque o diminutivo não interfere na leitura imediata da sentença, e sim, mais diretamente, no modo como o fato é apresentado pelo falante.

A segunda hipótese era que, nos casos de predicados compostos por atividade, *ger+dim* incidiria sobre a maneira como essa atividade é realizada, como atenuação da intensidade. Os dados de (8) também servem para confirmar essa hipótese, uma vez que todos são compostos por atividades. Observamos que o dado em (8a) é um *accomplishment*, o qual é composto por atividade e culminação. Já a atividade que conta em (8c) é a de “estudar”; *ficar* tem a função de indicar o estado temporário (Bertucci, 2020). Aqui, observamos que, sendo as atividades aquelas relacionadas à maneira de ocorrência, elas são as mais comuns com a construção *ger+dim*, conforme observam Metz (2018), para o português brasileiro, e Ruiz (2020), para o espanhol. Acrescenta-se, ainda, que os casos com *achievements*, como em (9a), são bastante marginais para os falantes curitibanos, enquanto os casos com estativos que ocorrem no progressivo, como em (9b-c), não são aceitos.

- (9) a. ??O Pedro tá chegandinho daqui a pouco.
- b. *Eu tô amandinho o livro.
- c. *O João tá sendinho gentil.

A leitura em (9a), com *achievements*, é bastante marginal e parece funcionar apenas num caso de prolongamento do estágio preparatório ou de um modo carinhoso de se falar da chegada do Pedro. Já os casos com estativos que podem ocorrer no progressivo (*vide* (9b-c)) não são aceitos com o *ger+dim*. Esses fatos sugerem que a orientação que o falante deseja dar para o evento pode sofrer restrições semânticas, mais especificamente, a impossibilidade de atenuar sua realização (caso não seja uma atividade).

Finalmente, a última hipótese que sugerimos foi a de que, em todos os casos em que ocorre, *ger+dim* está relacionado com a avaliação do falante (implicatura convencional) sobre a situação, conforme proposta de Oliveira e Basso (2014) para alguns casos de diminutivo. Para esses casos, vamos fazer um teste simples, com o discurso indireto. Vamos verificar para quem se orienta a leitura de diminutivo da sentença, se para o falante ou para o sujeito da sentença. Se ocorrer o primeiro caso, estaremos mais certos de que se trata de uma implicatura.

- (10) a. A Maria disse que tá chovendinho.
- b. O Pedro disse que o João continua namorandinho com uma menina
 do trabalho.
- c. O João disse pra você continuar analisandinho os textos.

Nos três casos, os falantes sugerem que a orientação da leitura do diminutivo se volta para o sujeito da sentença: Maria, Pedro e João, respectivamente. Tais fatos revelam que, nesse caso, o diminutivo é uma escolha de quem tem evidências para atenuar a realização da atividade apresentada. No entanto, por não se voltar ao falante, não se pode considerar a construção *ger+dim* como um item de implicatura convencional, tal como se considera na literatura (Potts, 2005; Oliveira; Basso, 2014). Por outro lado, é inegável que *ger+dim* expressa uma visão do sujeito em relação ao fato apresentado, o que pode ser relacionado com a proposta de Bach (1999) sobre itens que disparam uma proposição avaliativa nas línguas. No entanto, essa análise foge do escopo e do espaço de análise do presente trabalho.

Finalmente, um último ponto de análise são os casos em (2), repetidos aqui como (11).

- (11) a. ??Olha ali: o casal tá discutindinho a relação.
- b. ??O juiz tá analisandinho o caso.
- c. ??Semana passada os caras da prefeitura ficaram bloqueandinho a rua.

A partir da análise apresentada, entendemos que, para os falantes de Curitiba, os casos em (2)/(11) são ruins por não permitirem uma noção de atenuação da atividade em questão, já que *discutir*, *analisar um processo* ou *bloquear a rua* não podem ser feitos com a atenuação que *ger+dim* requer. Nesse sentido, explica-se a restrição de ocorrência da construção sob análise, em face das condições apresentadas no ambiente linguístico.

4 Considerações finais

Neste trabalho, analisamos a possibilidade de considerar *ger+dim* como uma construção que dispara implicatura convencional em português brasileiro, tal como Oliveira e Basso (2014) apontam para outros casos do uso do diminutivo. No entanto, nossa análise mostrou que a construção não passa no teste crucial para a identificação dessa implicatura: o do discurso indireto. Nesse caso, indicamos que seja possível uma análise do fenômeno a partir da proposta de Bach (1999) para outros termos de avaliação do falante.

Ainda assim, conseguimos indicar neste trabalho que a construção *ger+dim* é típica de atividades por incidir sobre o modo como elas são realizadas: o falante escolhe predicados com atividades para que possa apresentar uma atenuação. Além disso, observamos que a construção pode ocorrer com diferentes perifrases, não sendo restrita ao progressivo.

Entendemos que o presente trabalho joga luz sobre uma questão pouco debatida em português: a possibilidade de modificação de grau em formas verbais. Além disso, contribuímos com a análise do fato, à medida que checamos as restrições semânticas de ocorrência da construção e testamos uma possibilidade de explicação por meio da implicatura convencional. Ainda assim, entendemos que questões como a estrutura sintática e a contribuição semântico-pragmática mais específica de *ger+dim* ainda precisam ser esclarecidas em trabalhos futuros.

Referências

- ARMELIN, P. R. G. Sobre a interação entre as marcas de diminutivo e aumentativo no português brasileiro. *ReVEL*, edição especial, n. 5, 2011. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_sobre_a_interacao_entre_as_marcas_de_diminutivo.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- BACH, K. The Myth of Conventional Implicature. *Linguistics and Philosophy*, v. 22, p. 327-366, 1999.
- BASÍLIO, M. *Produtividade e função dos processos de formação de palavras no português falado*. Campinas, Unicamp, 1990.
- BERTUCCI, R. A. Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BERTUCCI, R. A. O sentido produzido pelo verbo auxiliar/cópula andar em português brasileiro. *Revista do Gel*, v. 12, n. 1, p. 139-167, 2015.
- BERTUCCI, R. A. Questões semânticas sobre tempo e aspecto em português brasileiro. *Cadernos do IL*, n. 52, p. 65-89, 2017. DOI: 10.22456/2236-6385.67140.
- BERTUCCI, R. A. A aspectualidade estativa de “ficar”: uma análise dos casos com gerúndio e particípio. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 24, n. 51, p. 173-209, 2020. DOI: 10.5752/P.2358-3428.2020v24n51p173-209.

BERTUCCI, R. A.; ROTHSTEIN, S. Stative predicates in the progressive in Brazilian Portuguese. *Diadorim*, v. 21, n. 2, p. 306-329, 2019.

BISOL, L. O diminutivo e suas demandas. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 26, n. 1, p. 58-85, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-44502010000100003>>. Acesso em: 17 abr. 2025.

BRAGA, M. L.; CORIOLANO, J. Construções de gerúndio no português do Brasil. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 51, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1431>>. Acesso em: 17 abr. 2025.

CAMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*, Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, M. N.; MINUSSI, R. D. Morfologia Avaliativa: o estatuto independente de -inh e -zinh no Português Brasileiro, composição e pejoratividade. *Entrepalavras*, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 154-172, ago. 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-21586>>. Acesso em: 17 abr. 2025.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

KLEIN, W. *Time in Language*. London: Routledge, 1994.

LANDMAN, F.; ROTHSTEIN, S. The felicity of aspectual for-phrases – part 1: homogeneity. *Language and Linguistics Compass*, v. 6, n. 2, p. 85-96, 2012.

LUNGUINHO, M. V.; BERTUCCI, R. A. When the progressive and the aspectual classes meet: the case of Brazilian Portuguese. In: MOLSING, K. V.; IBAÑOS, A. M. T. *Time and TAME in Language*. Cambridge Scholars Publishing: 2013. p. 124-156.

OLIVEIRA, R. P.; BASSO, R. *Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

METZ, M. C. Diminutivo do gerúndio: opções aspectuais da fala do guarapuavano. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 127–141, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8649706>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

RUIZ, R. P. Andandito: sobre la construcción gerundio + diminutivo en el español actual. *Normas*, v. 10, n. 1, p. 51-68, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.7203/Normas.v10i1.18270>.

POTTS, C. *The logic of conventional implicatures*. Oxford Linguistics: New York, 2005.

RODRIGUES, R.; ARAÚJO VALE, O. Falsos diminutivos do português brasileiro e seu reconhecimento em um dicionário computacional de livre acesso. *Revista do GELNE*, [S. l.], v. 25, n. 3, p. e32202, 2023. DOI: [10.21680/1517-7874.2023v25n3ID32202](https://doi.org/10.21680/1517-7874.2023v25n3ID32202).

ROTHSTEIN, S. *Structuring Events*. Oxford: Blackwell, 2004.

SMITH, C. *The parameter of Aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.

VENDLER, Z. Verbs and times. *Philosophical Review*, v. 66, p. 143-160, 1957.

WACHOWICZ, T. C. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro.* Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. G. D. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 48, p. 211-232, 2006.

AUTORIA

Roberlei Alves Bertucci (UTFPR)

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

<https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt/>

DADOS DA PUBLICAÇÃO

Seção: *Squib* convidado

Recebido em: 24/4/2025

Aceito em: 2/5/2025

Publicado em: 25/6/2025

COMO CITAR

BERTUCCI, Roberlei Alves. Vai *pensandinho* aí: por que usar o gerúndio no diminutivo?

Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 1, p. 10-20, 2024.

SOBRE A REVISTA

Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>

Open Access

Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*

